

## SOCIOLOGIA DA RESISTÊNCIA: EDUCAÇÃO E MEMÓRIA CONTRA OS LEGADOS AUTORITÁRIOS

João Gabriel Soares Maicá<sup>1</sup>; Paula Rieth de Oliveira Huf<sup>2</sup>; Analisa Zorzi<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Colégio Municipal Pelotense – joaogmaica@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – prohuf23@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas– an*

Este trabalho apresenta minha experiência como estudante do ensino médio ao participar, pela primeira vez, de uma atividade acadêmica voltada à reflexão sobre as memórias da ditadura civil-militar-empresarial brasileira, a partir da perspectiva das políticas de memória no ensino de Sociologia. O objetivo foi compreender como a análise de diferentes representações de Estados totalitário, democrático e autoritário contribui para identificar legados autoritários ainda presentes e fortalecer valores democráticos, dialogando com a 16ª medida institucional da Comissão Nacional da Verdade (CNV), que prevê a promoção de uma educação voltada ao resgate da memória histórica.

A metodologia consistiu na atividade “Dossiê Três Vozes da Memória”, organizada pela professora estagiária, que envolveu o exame de três tipos de documentos, notícias fictícias, imagens representativas e trailers de filmes, respectivamente A Onda, Ainda Estou Aqui e Argentina, 1985. Em meu grupo, preenchemos uma ficha analítica identificando características de um Estado autoritário e refletimos sobre persistências e rupturas.

Os resultados indicam que a análise aprofundou nossa compreensão sobre como práticas autoritárias podem se manter mesmo em contextos democráticos, evidenciando que a ausência de políticas de memória efetivas favorece o esquecimento e a distorção histórica.

Concluo que vivências como essa são essenciais para que, nós, estudantes desenvolvam pensamento crítico, compreendam as disputas em torno da memória e reconheçam seu papel na defesa da democracia, tornando a escola um espaço ativo de resistência e formação cidadã.